

OS JESUÍTAS E SEUS SUCESSORES (II). (Moxos e Chiquitos — 1767-1830).

(Continuação).

UACURY RIBEIRO DE ASSIS BASTOS

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

IV.

OS JESUÍTAS.

A expulsão dos jesuítas por decreto de Carlos III (1767), exigiu da máquina burocrática espanhola na América, a criação de novas formas de relações entre índios missionados e brancos. Para melhor compreendê-las uma visão retrospectiva torna-se imprescindível.

Os padres da Companhia, ao respeitarem valores fundamentais da cultura indígena, tais como: a língua e os “gêneros de vida”, haviam estabelecido diretrizes corretas para um entendimento duradouro.

Desenvolvendo a produção da erva-mate no Paraguai, do cacáu em Moxos, do algodão em Chiquitos e de riquezas extrativas oferecidas pelos diversos ambientes geográficos, transformaram as formas existentes de vida econômica, ampliando-as.

Obtiveram excedentes que, comercializados pelos próprios religiosos, aumentaram os recursos econômicos e financeiros das diversas áreas por eles escolhidas para a realização do experimento religioso, cuja importância é hoje colocada acima de dúvidas e de debates estéreis.

O elevado nível intelectual dos missionários, comprovado por livros que nos legaram, deu-lhes a possibilidades de perceberem os

riscos de um choque cultural cujo exemplo antilhano (30), catastrófico em suas repercussões demográficas, colocou em situação delicada as finalidades religiosas da colonização espanhola (31). A manutenção de alguns aspectos fundamentais da cultura indígena, teve por mérito permitir o rápido progresso material, alicerçado em atividades econômicas pré-existentes.

A inexistência da propriedade privada entre os missionados foi o primeiro problema que se antepôs deante do missionário. Foi preservada uma estrutura social baseada no uso comunitário da terra, ao mesmo tempo que se estabeleceram ensaios tendentes a lançar o germe do individualismo, em populações insensíveis às aspirações de vida dos europeus.

Tupambaé (32) é a designação guaraníca das áreas exploradas e cultivadas em proveito da coletividade. O interesse pela posse de bens e ampliação dos mesmos, não caracterizava a cultura indígena. A propriedade de Deus fornecia recursos ao enriquecimento das missões. Mas fornecia-os também para atender aos desvalidos. O mérito da caridade, forma de servir a Deus, contestado pela Reforma, é reafirmado pelos inacianos. *Abambaé* (33), propriedade dos homens, caracteriza-se por superfície limitada à capacidade de cultivo por parte de cada índio.

Em Moxos e Chiquitos não existiam termos característicos que indicassem os dois tipos de propriedades. Falava-se então, em terras da aldeia e chácaras dos índios. As melhores áreas eram reserva-

(30). — Vives (J. Vicens), *Historia Social y Economica de Espana y América*. Barcelona, Tomo II. 1957, pág. 547... "Em todo caso, lo más útil de los ensayos colonizadores hasta 1518, fue la experiencia que para su actuación futura obtuvieron los españoles. Lo más triste, la desaparición de los aborígenes antillanos, que los españoles no quisieron, pero fueron incapaces de evitar!

(31). — Montésino denuncia o desvirtuamento das finalidades evangélicas da colonização espanhola. Las Casas (Fray Bartolome), *Historia de las Indias*. 1951, pág. 441: "Para os los dar a cognoscer me ha sobido aqui, yo que soy voz de Cristo en el desierto desta isla, y por tanto, conviene que con atención, no cualquiera, sino con toto vuestro corazón y con todos vuestros sentidos, la oigáis; la cual voz os será la más nueva que nunca oisteis, la más áspera y dura y más espantable y peligrosa que jamais no pensastes oír. Esta voz, dijo él, que todos estais en pecado mortal y en él vivis y moris, por la crueldad y tirania que usáis con estas inocentes gentes. Decid, con qué derecho y con qué justicia tenéis en tan cruel y horrible servidumbre aquestos indios? Con qué autoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes que estaban en sus tierras mansas y pacíficas, donde tan infinitas dellas, con muertes y estragos nunca oídos, habéis consumido?"

(32). — Hernandez (P. Paolo), *Organización social de las doctrinas guaranies de la Compañía de Jesus*. Barcelons. 1913. I volume, pág. 209.

(33). — *Ibidem*, pág. 207.

das como propriedade da aldeia. Em Moxos, região coberta durante parte do ano por vasto lençol de água, as chácaras dos índios eram situadas, por vezes, a uma grande distância do local da residência daqueles, que deveriam, aproveitá-las agricolamente (34). Exímios canoieiros que eram, navegavam durante dias no emaranhado hidrográfico e permaneciam nas áreas que lhes eram reservadas por período compreendido entre 15 dias a 1 mês. Durante a permanência em suas chácaras, plantavam principalmente o cacáu, cuja limpeza é desnecessária e o sombreamento é imprescindível. Retornavam para a colheita dos frutos. Em Chiquitos, as condições regionais, a presença de amplas colinas livres da inundação, propiciavam a existência de chácaras em áreas próximas às aldeias. A própria agricultura era desenvolvida e neste caso mais variada. O produto básico era o algodão, mas o milho e arroz também eram cultivados.

A pecuária desenvolveu-se em terras das missões, mas o índio não possuía a propriedade do gado.

O aumento do rebanho em solos ainda virgens efetuou-se com rapidez extraordinária. Pablo Hernandez referindo-se as *vaquerias* (35) estabelece, como sendo perto de 50%, a taxa de crescimento anual. Esta porcentagem, aparentemente elevada, não obstante o estado de verdadeiro abandono que vivia o gado, é explicável pelo reduzido número de cabeças em relação ao espaço ocupado. Relação esta que traz como consequência abundância de forragens.

A agricultura de Moxos tinha como principal produto o cacáu. Plantado nas áreas de altitude superior ao nível das águas — que inundavam grande parte da região — em terras pertencentes à aldeia, situadas em seus arredores e nas chácaras de índios, por vezes em regiões distantes, mas possuidoras de solos de fertilidade bastante alta. O plantio era feito através de sementes cuja germinação era protegida por sombreamento. Nos bananais realizava-se também a semeadura do cacáu (36).

(34). — D'Orbigny, *op. cit.*, tomo IV, pág. 1317, referindo-se aos campos dos índios, habitantes da aldeia de Santa Madalena de Moxos, assim os descreve: "Los campos de los índios están a cuatro jornadas de camino, bajando el Itonama, cerca de su confluencia con el Machupo".

(35). — Hernandez (P. Pablo), *op. cit.*, pág. 205, "80.000 cabeças de gado introduzidas em *Vaqueria* de Pinares deveriam no prazo de 8 anos atingir uma quantidade em torno de 500.000".

(36). — D'Orbigny (A.), *op. cit.*, tomo IV, pág. 1317: "Se comienza por hacer una plantación de bananeros; cuando han alcanzado un bien desarrollo, al pie de cada uno se siembcan varios granos de cacao...".

O café era produzido em pequena escala, apenas aparecia como um dos produtos da região. A cana-de-açúcar, cultivada em terras livres de inundação, adquiriu importância maior a medida que escravos fugitivos da capitania de Mato-Grosso instalaram-se na região (37).

A criação de gado era uma das principais riquezas de Moxos. Nas áreas de campos inundados cujo revestimento vegetal é o Carandá, a pecuária extensiva de gado criado a solta, encontrou condições ecológicas ideais para seu desenvolvimento em região tropical. A existência de áreas nas quais predomina aquela palmeira, comumente denunciadora de alto índice de concentração de sais minerais, principalmente cloreto de sódio, assegura recursos aimentícios de importancia capital, para a criação de gado em condições primitivas.

O pampa do “Machupo”, réplica do pantanal de Mato-Grosso, foi na época dos jesuítas e após a expulsão deles, a grande região de pecuária de Moxos. O gado alçado resistiu décadas e em 1830 quando D’Orbigny percorreu a região, constatou o que representava a riqueza existente nesta área (38). Voltaremos ao assunto ao analisarmos a vida das aldeias.

Chiquitos com suas colinas, circundadas de *curiches*, possuía uma pecuária desenvolvida, mas em escala inferior à região do Machupo. Tornou-se célebre o cavalo daquela região. De rara beleza e grande resistência, era procurado pelas populações andinas. Criado em região granítica, possui casco resistente a solos pedregosos. O seu fenotipo é o da raça árabe (39).

(37). — Viedna (Francisco), *Description de la Provincia de Santa Cruz de la Sierra...* pág. 76. “Depocos años à esta parte se ha experimentado que los terrenos mas fertiles y ventagens para los plantios de caña son donde se cria el monte, ó bosque mas espeso; de tal suerte, que aun despues de trece años de corte, sigue el canaveral, con mas fertilidad y sazon: lo qu no acaece en la campaña, que a tres ó quatro años tienem que volver a hacerlos de nuevo, y la caña no crece ni aun la mitad que em otros pasajes. Este descubrimiento se le debe á unos negros que desertaron de los dominios de los portugueses, y desde entonces han dejado los chacos de la campaña y se han ido al monte donde fomentan el cultivo de caña, em terminos que la cosecha de azucar excede em nas de tres partes à los años anteriores”.

(38). — D’Orbigny (A.), *op. cit.*, tomo IV, pág. 1305. “Carecia de víveres, pues la humedad me habia abombado la carne seca de que iba provisto, por eso, al oír los mugidos lejanos de los toros, interrogué a mi intérprete, que me dijo que todos los alrededores estan llenos de animales salvajes, cuyo número acostumbraban a calcularlo en unos diez mil”.

(39). — *Ibidem*, pág. 1286.

Agrícolamente falando, aquela província produzia milho, algodão, tabaco, cana-de-açúcar, e outros produtos tropicais.

No período dos jesuítas a erva-mate foi cultivada na região. D'Orbigny admirou-se de não terem intensificado a produção deste vegetal (40). Mas de todos os produtos plantados o que apresentava maior importância era o algodão. Surpreendeu-nos encontrar referências que acusam a presença de fibras coloridas.

As riquezas extrativas, existiam nos dois territórios situados no Oriente da atual Bolívia. As mais diferentes espécies de madeira, muitas delas ebanísticas, a baunilha, a cochinha, óleos vegetais retirados de diferentes palmeiras e principalmente da que se denomina *Motacú*, cuja presença se estende desde Chiquitos até à região amazônica, acompanhando a planície que bordejia a cordilheira dos Andes estabelecendo conexão fitogeográfica entre a bacia platina e a amazônica.

A cêra de abelha, produto de grande valor econômico, era obtida em grande quantidade na região de Shiquitos. D'Orbigny presenciou, em sua viagem, a série de atividades relacionadas com a obtenção do produto. De junho a setembro, partiam os índios em grupos de 10 a 20, a procura de áreas que apresentassem maior concentração de abelhas. Ao encontrá-las, escolhiam o lugar que usariam como acampamento. Dêste, penetravam no interior da mata, dois a dois, localizando as árvores possuidoras de colmeias. Ao cair da tarde, uma buzina feita de chifre de boi, anunciava a hora do retôrno. No dia seguinte, começavam a extração do produto, que era transportado diariamente, para o acampamento, em recipientes de madeira, construídos no local. Cada vegetal com colmeia era derrubado. Cêra e mel, eram colocados em artesas. Da fermentação efetuada, era obtido um licor, o *guarapo*, que constituia um dos principais alimentos dos índios, durante o trabalho. Diariamente, repetiam-se as operações, até que cada índio tivesse obtido a quantidade de cêra dêle exigida (41).

A indústria de tecidos era comum às duas áreas. Em dias certos, cada índia recebia uma quantidade de algodão que deveria ser devolvida sob forma de fios. A relação entre a porção recebida e a devolvida era mantida com o maior rigor. Ambas eram pesadas e si na devolução a equivalência não fôsse conservada, o castigo físico era aplicado (42). A qualidade do fio era também considerada. Tecidos

(40). — *Ibidem*, pág. 1292 — "... explotar la ye:ba del Paraguay tan, comum en las cercanias de Concepción...".

(41). — D'Orbigny (A), *op. cit.*, 3º volume, pág. 1169-1170.

(42). — *Ibidem*, 4º volume, pág. 1311 — "Cuando se trató de castigar a todas aquellas que habian sido halladas culpables, logré obtener a fuerza de suplicas as administrador que las perdonasen por est vez".

eram confeccionados, uns mais grosseiros para uso da população da aldeia, outros de qualidade superior enviados para fora das missões e comercializados.

A tecelagem já existia antes da chegada dos jesuítas, cuja produção os índios Moxos levavam até ao altiplano, permutando-a por objetos de ouro e prata.

O Legajo *Gobernación de Chiquitos* possui mostruários dos diversos tipos de tecidos, produzidos pelas aldeias, nesta unidade administrativa. Coloridos nas mais variadas tonalidades, são de rara beleza, não obstante o aspecto rústico (43).

Os regulares da Companhia organizaram e disciplinaram o trabalho, introduziram teares de origem europeia e desta ofrma conseguiram aumentar a produtividade (44).

A indústria de móveis e instrumentos musicais havia atingido tal perfeição, que se tornou conhecida em Santa Cruz, Cochabamba, Charcas e mesmo no Vice-Reinado do Perú. Baús e camas eram procurados pela população do Perú. Dois instrumentos musicais caracterizavam o nível técnico atingido pelo produtos das missões: o órgão e o violino. Usados nas Igrejas, cujas músicas, de procedência italiana, foram ouvidas por D'Orbigny, eram vendidos fora do território das missões (45).

Durante a permanência dos jesuítas, o excedente da produção era armazenado e enviado a Santa Cruz de la Sierra, onde as transações coerciais, efetuadas diretamente pelos religiosos, permitiam uma margem de lucro sufficeinte para enriquecer as missões. Alfaias e ob-

(43). — Gobernación de Chiquitos — S. 9 — 20 — 6 — 7. Archivo General de la Nación Buenos Aires.

(44). — D'Orbigny (A.), *op. cit.*, tomo 4º, pág. 1259. "Antes de la llegada de los jesuítas, los índios tejían sobre varas fijadas en el suelo. Los religiosos los enseñaron a tejer con telares. Los numerosos obreros a las ordenes del capitán de vestidos a todos los indigenas y todavia exportaban hamacas, manteles, toallas, ponchos y toda suerte de tejidos de algodón que se mandaban al Peru".

(45). — Gobierno de Moxos — Archivo General de la Nación Buenos Aires — S — 9 — 7 — 7 — 2. Reglamento que formo D.n Lazaro de Ribera para la dirección de la Provincia de Moxos quando establecido el nuevo Plan de Gov.no que propuso y de dignó aprovar S. M. por el qual se puso el Governo de los Pueblos a cargo de Administradores Seculares que antes corria a de los Curas Parcos. 9 de Enero de 1790.

Artigo 56: El Adm.or Ccneral de la Ciudad de la Plata hara saber al Publico que en esta Prov.a se hacen buenos Organos, Violines, Arpas, Violones y demas instrumentos Musicos, p.a el que quisiese alguno se entienda y t.ate con él el precio, pasando el correspondiente aviso a el Gov.or para que ordene su pronta construccion.

jetos de prata foram introduzidos nos templos, tornando-os suntuosos. Tecidos finos revestiam altares. Um dos traços característicos da região durante a permanência e após a expulsão dos inicianos, foi o alheamento da população indígena de toda atividade comercial. Nas três fases administrativas pelas quais passaram Moxos e Chiquitos: govêrno dos missionários, dos curas, e dos administradores seculares, o comércio era centralizado em mãos das respectivas administrações.

As missões jesuíticas, quer sejam as do Paraguai, Moxos ou Chiquitos, apresentavam como característica fundamental as aldeias, centro espiritual, agrícola, industrial. Geralmente elas tinham uma população de alguns milhares de habitantes.

Urbanisticamente obedeciam aos padrões das cidades da Am. Espanhola. De traçado ortogonal, com ruas pertindo de uma praça e mantendo-se paralelas umas as outras, possuíam na função religiosa a sua razão de ser. A "igreja" e o "colégio" eram as principais edificações. A primeira era de tamanho resultante do número de habitantes do "Pueblo". A obrigatoriedade da presença de toda a população nas cerimônias religiosas, realizadas duas vêzes por dia, exigia que o templo tivesse capacidade necessária para acolher todos os fieis. O repicar dos sinos convocava a todos para os ofícios religiosos que davam início, ao raiar do dia, às atividades da aldeia e no crepúsculo fixavam o término das mesmas.

O colégio era o centro de tôdas as atividades industriais (serralheria, carpintaria, tecelagem, fundição e manufaturas várias). Era o núcleo fundamental de aprendizado de ofícios. Difundia culturas técnica e musical. Esta última inseparável da própria liturgia. Nêle eram armazenados as safras agrícolas (46).

A alfabetização existiu em escala reduzida nas missões situadas no atual território boliviano. A permanência de línguas indígenas e a própria heterogeneidade resultante da reunião de nações diferentes em uma mesma povoação, explicam esta característica. O ensino das primeiras letras seria possível caso todos os índios pertencessem a uma única nação ou fôsse introduzida a língua espanhola em todo território. A primeira hipótese choca-se com a origem das aldeias. Estas surgi-

(46). — Doblas (Gonzalo de), *Memoria Historica, Geográfica política y economica sobre la Provincia de Misiones*, in "Coleccion de obras y documentos...". Tomo III, 1a. ed. 1836. pág. 14. Havia uma casa grande contígua e igreja com muitas dependências, oficinas e armazens, denominada colégio que servia de habitação dos padres, de armazem dos produtos agrícolas e manufaturados e de oficinas para todos os ofícios que mantinham.

ram da reunião de dezenas de “porciedades” (47) que existiam em agrupamentos demográficos cujo número de habitantes poucas vezes atingia duas centenas. A diversidade lingüística era o traço fundamental e dela resultou a determinação dos religiosos de estabelecerem para as missões situadas ao Norte, a língua de Moxos, e a de Chiquitos para aquelas que se organizaram no Sul. Eram as mais faladas em cada uma das regiões. A primeira língua não predominou.

A introdução da língua espanhola afastava pelos menos de uma geração, a existência do primeiro grupo de conversos. A utilização de uma língua indígena para pregação assegurava o início imediato da propagação da fé. Contando com o primeiro grupo de néofitos, estes auxiliavam a expansão do Cristianismo. E’ lógica a escolha feita pelos jesuítas. Tentar impor uma língua européia seria estabelecer o fracasso *a priori*. Em Santa Cruz de la Sierra, cidade aberta a tôdas as influências, o *quichua* foi usado nos púlpitos até o final do século XVIII (48).

A Igreja e o colégio eram nervos e músculos da vida das aldeias, cuja população em sua quase totalidade exercia atividades agrícolas. E são estas atividades que afastam a possibilidade de um plano educacional voltado para a criança indígena. O trabalho infantil tinha início aos 5 anos de idade. Grupo reduzido, selecionado entre os mais dotados, recebia educação técnica, musical e alfabetização.

A capital de Chiquitos na época dos jesuítas era a missão de São José. Situada a 170°/4’ de Latitude Sul, na região oriental da Província, próxima a antiga Santa Cruz de la Sierra, centralizando as atividades administrativas, foi uma das mais prósperas da região. Atingiu 2.715 (49) habitantes e sua Igreja com fachada de estilo mourisco possuía capacidade igual à população da aldeia (50).

O regime higrográfico da região assemelha-se ao do Chaco. Grandes inundações no período das chuvas e carência de água na estação

(47). — D’Orbigny, *op. cit.*, tomo IV pág. 1257. “Como cada misión se componia a menudo de naciones diferentes, o por lo menos de tribus que primitivamente, cundo vivian en el corazón de las selvas, fueron ya enemigas, ya independientes unas de otras, los jesuítas, para que no chocasen, las dejaban separadas del todo y cada una bajo um jefe especial. A estas secciones llamaban porciedades”.

(48). — Viedma (Francisco de), *Description de la Provincia de Santa Cruz de la Sierra — Coleccion de documentos Pedro de Angelis*. Buenos Aires. 1836. Tomo III.

(49). — Sánchez Labrador (P. José), *El Paraguay Católico*. Buenos Aires. 1910, pág. 83.

(50). — D’Orbigny (A.), *op. cit.*, tomo III, pág. 1180. “Con verdadero gusto observé estructuras de piedras construidas en el estilo morisco”.

sêca. A solução encontrada para resolver o problema foi o da construção de barragens, represando ribeirões e cortando transversalmente vales formados por vertentes graníticas de declive suave. Em San José um açude permitia a irrigação de pequenas áreas agrícolas cultivadas durante todo ano (51).

Nem tôdas as missões de Chiquitos apresentaram o problema da insuficiência de água no período em que a verticalidade dos raios solares desloca-se para o Hemisfério Norte. San Rafael era uma das mais bem servidas hidrográficamente. Moxos possuía situação totalmente diversa. Em seu território existem rios de grande volume de água, pertencentes à bacia amazônica. Exemplifiquemos: Beni, Mamoré, Guaporé. Suas aldeias foram edificadas em sítios próximos a grandes rios, a alguns quilômetros da margem, em local livre de inundação, que no período das águas cobria parte da Província. Eram ligadas por meio de calçadas construídas sôbre aterros, ao rio mais próximo (52). Uma das mais prósperas na época dos missionários era a de Concepción dos Baures. Fundada em 1700, cercada por pântanos, seus campos de cultura estão localizados em área contígua ao povoado, apresentam grande fertilidade e topografia suave, formando uma verdadeira ilha. Os índios nela aldeados eram dos mais adiantados da região. Possuíam indústria de tecelagem que foi aperfeiçoada pelos jesuítas.

A abundância do gado *vacum* permitia o abate de 28 rezes semanalmente, cuja carne era distribuída pelos 2.271 habitantes.

As aldeias apresentavam uma mesma organização administrativa e política. Dois religiosos da Companhia supervisionavam, respectivamente, a parte religiosa e a econômica. Amplo aparelho administrativo foi construído. O cabildo, cujos componentes eram todos índios, era elemento primordial na administração.

Para o manejo dos rebanhos existia um *mayordomo*. Cada uma das atividades industriais era dirigida por um *capitan*.

Enfim, tôdas as transações comerciais eram exercidas pelos padres que encaminhavam a produção para os centros consumidores e adquiriam os produtos imprescindíveis ao abastecimento das missões.

E' fora de dúvida a existência de um isolamento geográfico. Os territórios que foram ocupados pelos jesuítas até 1767, ainda nos

(51). — *Ibidem*, pág. 1179.

(52). — D'Orbigny (A.), *op. cit.*, tomo IV, pág. 1314. "Cuatro kilometros más allá encuentre una nueva calzada de cerca de ocho kilometros de longitud, trazada en medio de un estero imenso". *ob., cit.*

dias atuais apresentam as mesmas características no que diz respeito às conexões com as outras áreas. O Paraguai e a Bolívia são na América do Sul os dois países menos articulados, sob o ponto de vista das comunicações, com o Oceano e portanto com o mundo exterior. Poder-se-ia objetar que esta condição, para o segundo daquêles países, data da segunda metade do século XIX quando, na guerra do Pacífico, perdeu para o Chile o trecho do litoral que possuía. Mas é também fora de dúvida que as províncias de Moxos e Chiquitos, situadas ao oriente da cordilheira dos Andes, a mais alta do nosso continente, permanece ainda hoje, não obstante o prolongamento da ferrovia Noroeste do Brasil até Santa Cruz de la Sierra, como o trecho mais recôndito da América. A riqueza petrolífera do Oriente Boliviano, cujo recente tratado de Roboré tentou incorporar à economia mundial, permanece em potencial. Ao argumentarmos com o problema do petróleo não pretendemos entrar no mérito do tão discutido tratado. Uma só coisa nos preocupa. Mostrar a importância de condições naturais corroborando para o isolamento.

Ao aspecto acima descrito podemos acrescentar a separação étnica. Rigorosamente mantida pelas missões, destas não é traço exclusivo. A própria terminologia da legislação das Índias, designando cada uma das grandes comunidades de *Republicas*, mostra a intenção da Corôa em separá-las. A cidade de Lima no século XVII exemplifica o que acabamos de dizer. Nela existia o *cercado de los indios* (53).

A própria hierarquização dos agrupamentos sociais pré-hispânicos evidencia o intuito de estabelecer compartimentos etnicamente estanques. O aparecimento de uma nobreza indígena na qual o *cacicazgo* desponta como título máximo, fala em favor do que afirmamos. E' bem verdade que nêle existia também um instrumento de domínio do colonizador sobre a república dos índios. Mas êste não é o único, e tanto não é, que se afirmou uma tendência, no final do século XVIII, por parte daquela nobreza, minoritária sem dúvida, de transformar-se em defensora da população à qual pertencei (54).

(53). — Lewin (Boleslao), *Descripcion del Virreinato del Peru*. (Autor anónimo). Universidad Nacional del Litoral. Rosario 1958. "Tiene Lima a la parte del oriente el cercado de los indios, que poblacion de ochocientos vecinos, todos estos indios son ricos y ladinos. Ladinos se entiende que saben hablar español. Llamase cercado porque todo en redondo esta cercado de un muro hecho de tierra, y lo cierran de noche con sus puertas. Todos estos indios tienen dentro de sus casas jardines con agua que corre del rio".

(54). — Vives (J. Vicens), *Historia Social y Economica de España y America*. Barcelona (1957). Tomo III, pág. 457. — "Cien años después de la Conquista,

O próprio sistema de reduções dirigidas por funcionários do Rei, para proteger o índio na posse de suas terras, é prova irrefutável de uma política de segregação étnica.

O isolamento das missões jesuíticas permitiu as mais variadas interpretações. O anti-clericalismo oitocentista via na auto-segregação praticada pelos missionários intenções inconfessadas. Subtrair o índio dos contatos da “civilização”, e através desta medida, impedi-los de procurar seu próprio destino, atrelando-o a um sistema que só aparentemente beneficiava-o, era na interpretação dos pensadores dos séculos XVIII e XIX, forma de estabelecer o predomínio total sobre o ameríndio e dêle exaurir tôdas as riquezas produzidas.

A missão vista como fato isolado, desligada da estrutura social criada pela “aristocracia dos conquistadores”, despojada de sua motivação mística, interpretada como um simples aspecto da colonização, esvazia-se de maneira completa. Para entendê-la, torna-se necessária a análise do quadro socio-econômico no qual ela se instalou.

Durante o século XVI surgiram relações econômicas, entre espanhóis e indígenas que se projetaram nos séculos subseqüentes.

Defini-las é estabelecer critérios diferenciadores que nos permitem entender o funcionamento e a própria razão de ser das sociedades humanas criadas pelos regulares da Companhia de Jesus. Nestas, é fora de dúvida a existência de uma finalidade prioritária, a evangelizadora. Ao seu lado é nítida a intenção de proteger uma coletividade constituída de *niños*, que possuía os defeitos e as qualidades que caracterizam a criança (55). O conceito tão enraizado da debilidade do índio, fala pela necessidade de seu isolamento.

A sociedade da América Colonial Espanhola, em suas relações com a população indígena, estabeleceu formas de trabalho que se

los caciques, hombres ya educados y de cierta riqueza, empiezan a sentir su responsabilidad política y moral por los abusos de que víctima los indios, y no poco de ellos se van erigiendo en defensores de su pueblo y líderes de las reivindicaciones indígenas, que exponen violentamente en memoriales dirigidos al rey o a los virreyes, donde protestan contra abusos de corregidores, gobernadores y aun curas y doctri-neros. Cuando ven el poco caso que se les hace en la Corte inoperante de los últimos Austrias, se van convirtiendo en jefes natos de protestas airadas y aun rebeliones indígenas, que alcanzaron en el siglo XVIII su máxima gravedad y más neta significación. . .”.

(55). — Charlevoix (P. Francisco Javier de), *Historia del Paraguay*. Madrid. 1912, pág. 69. “Por lo demás, reconozcan siempre su culpa y sufren el castigo sin murmurar. Todas sus faltas son faltas de niños, y niños son toda la vida en muchas cosas; así como también tienen todas las buenas cualidades de niños”.

caracterizaram por seus aspectos destrutivos demograficamente. E' negativa a taxa de crescimento vegetativo na "república dos índios" no transcorrer do longo período que se inicia com a chegada de Colombo e encerra-se nas lutas da Independência (56). Em explicação genérica o "choque cultural" é o responsável. Mas a aculturação, à padrões europeus, da população encontrada pelos espanhóis em terras do nosso continente, implica no estabelecimento de relações de trabalho, principal forma de convivência entre dominadores e dominados. E' possível que elas não tenham sido a causa fundamental do decréscimo dos agrupamentos humanos pré-colombianos. E' possível que a principal causa esteja na propagação de moléstias oriundas da Europa. Mas é também fora de dúvida que as duas instituições básicas que estruturaram o aproveitamento da mão-de-obra indígena, a *encomienda* (57) e a *mita* (58) marcaram sob forma indelével a evolução daquela coletividade humana.

Prova do que afirmamos é o crescimento da população na área missionária e o decréscimo fora dela. Ambas eram atingidas pelas mesmas epidemias. A varíola, por exemplo, alastrava-se sem escolher região.

O primeiro tipo de isolamento das missões jesuíticas é, pois, o que protege o catequizado contra a *mita* e a *encomienda*, é o social. A primeira das instituições citadas teve efeitos devastadores sobre a população andina. Perdura em todo tempo colonial a sua ação letal.

(56). — Vives (J. Vicens), *op. cit.*, tomo III, págs. 91, 402 e 505. Poblacion Indígena

1492	11.285.000
1570	9.275.000
1650	8.405.000.

(57). — Vives (J. Vicens), *op. cit.*, tomo III, pág. 450 — "La desintegradora influencia social de los españoles fue ejercida primero y principalmente através da la encomienda de servicios; bajo ella y hasta que la Corona pudo instaurar su autoridad, los indios quedaron en una situación real que difiere poco de la esclavitud y a merced de los conquistadores. Apenas una comunidad indígena cae bajo el poder de un encomendero se inicia el proceso de su disolución..."

Mello (Astrogildo Rodrigues de), *As encomiendas e a política colonial de Espanha*. São Paulo. 1943. Esta monografia brilhante analisa a origem da instituição e conclui pela sua importância no processo de colonização e sua decorrência depois de mentalidade européia quinhentista.

(58). — *Ibidem*, pág. 453, 454 — "El sistema de alquiler forzoso se configuró en general sobre modelos pré-hispanicos, recibiendo formas y nombres distintos segun regiones: los más extendidos fueron el de mita em Peru y cuarequil em Mejico.

... Ejemplo máximo es la mita de Potosi que adscribió al servicio de las famosas minas, por turnos de unos 11.000 hombres, um total de 80.000 índios de 17 Provincias Comarcanas..."

Em 1793, Victorian de Villava em seu célebre *Discurso sobre a mita*, apresentado à audiência de Charcas, mostra com veemência e erudição o crime que se perpetrava através dêste tipo de trabalho forçado (59). A própria ideologia da independência encontra na forma intensa da exploração do índio uma das suas fontes de inspiração (60).

Os conquistadores ao subjugarem uma região dividiam entre os componentes do grupo, índio e terras. Estas, sem a posse daquêles que permitiam a sua exploração, de nada valia. Daí a identificação entre as duas formas de partilha, o *repartimiento*. Destituído de qualquer conteúdo religioso, colocava a população indígena muito próxima da condição de escravos. Criticado pelos que se preocupavam com o destino do índio, transforma-se em *encomienda* na qual existe a obrigatoriedade para seus possuidores de cristianizar os *encomendados*.

O *encomendero* é responsável pelo tributo que os vassallos pagam ao Rei, retirando-o do trabalho dos índios, e compromete-se a dar-lhes educação religiosa. O *doctrinero* incorpora-se à instituição, é uma das suas componentes, pelo menos teórica.

Si a *mita* foi letal, a *encomienda* foi letárgica. Abafando as características indígenas criou condições de desajustamentos que se refletem no alto índice de embriaguês e no total desinterêsse pelo trabalho por parte destas populações. Criou o índio preguiçoso cujo esteréotipo resistiu ao tempo.

O missionado escapava das duas formas de relações acima citadas. O isolamento preservou-o culturalmente e deu-lhe condições de vida superiores àquelas que existiam fora das missões.

(*Continua*).

(59). — Levene (R.), *La Revolucion de Mayo y Mariano Moreno*. Buenos Aires 1925. Tomo I, págs. 35 a 60.

(60). — *Ibidem* — Fueron pues los propios revolucionarios quines admiraron en Victorian de Villava a un precursor de la emancipacion de America.